

The Golden Thread

Building Family Bonds
& Parenting Skills as a
Means to Reduce Recidivism
in European Prisons



Guia de Aprendizagem Familiar

Conteúdo

INTRODUÇÃO COM OBJETIVOS6
 DESCRIÇÃO6
 INFORMAÇÕES ESPECIAIS SOBRE O QUE DEVE SER OBJETO DE ATENÇÃO8
 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS11
 O MANUAL PARA PROFISSIONAIS13
 INFORMAÇÕES SOBRE O QUE DEVE SER OBJETO DE ATENÇÃO13



CHIPRE16



GRÉCIA19



POLÓNIA23



PORTUGAL26

Introdução

Espera-se que a iniciativa Golden Thread desenvolva uma metodologia abrangente para o reforço sistemático dos laços familiares dos reclusos e para o apoio aos seus familiares na prestação de apoio uns aos outros. Trata-se de uma resposta ao número crescente de reincidências nos países da UE. O papel da família na redução da reincidência e no apoio à reintegração é agora considerado como "parte da solução".

A abordagem Golden Thread é composta pelos dois componentes distintos seguintes:

- O Programa de Aprendizagem Familiar
- Os Grupos de Apoio entre Pares para famílias de pessoas privadas de liberdade.

A metodologia do Golden Thread é prática, emocional e relacional. Espera-se que esta metodologia estabeleça as bases essenciais para equipar as prisões e as comunidades com todas as metodologias e ferramentas necessárias que as ajudarão a capitalizar o enorme poder da ligação familiar na causa da reintegração do recluso.

Neste guia encontrará uma descrição breve mas detalhada sobre a metodologia, o núcleo, os componentes e a implementação da iniciativa. Acreditamos que os resultados da iniciativa podem tornar-se um programa de sucesso a ser implementado em todos os países europeus e que ajudará não só em situações em que a família está dividida porque um dos membros foi preso, mas também na prevenção de situações em que possa ocorrer contacto com o sistema de justiça. Na hierarquia de valores, um dos lugares mais altos para a família, os laços com os seus membros podem ser um guia para organizar a vida de uma forma melhor.

1. As necessidades

A necessidade de desenvolver competências sociais de pessoas privadas de liberdades e de apoiar as suas famílias é óbvia. Mas é importante conhecer as especificidades. O número de competências sociais possíveis, mas também a variedade de competências pessoais, é enorme. Por conseguinte, foi realizado um estudo científico a fim de identificar os défices específicos, mais importantes, mas também mais essenciais. Apresentamos de seguida os resultados sintéticos da investigação.

- A reclusão afeta tanto os reclusos como as suas famílias, criando desafios emocionais, financeiros e sociais. No entanto, enquanto os reclusos se debatem frequentemente com a culpa, a autoconsciência e a dificuldade em compreender as dificuldades das suas famílias, os membros da família são mais francos sobre estas questões, referindo frequentemente graves encargos financeiros, dor emocional e efeitos psicológicos nos filhos e parceiros.
- Do ponto de vista económico, as famílias enfrentam frequentemente dificuldades decorrentes da perda de rendimentos, bem como dos custos adicionais associados à detenção de um membro da família. As dificuldades económicas sentidas pelas famílias dos reclusos devido à sua reclusão incluem os custos de ajuda financeira e material (ou seja, encomendas enviadas para a prisão), bem como os custos das visitas à prisão, uma vez que, em muitos casos, estas visitas implicam frequentemente deslocações devido ao facto de as prisões se situarem longe do local onde a família vive.
- A nível psicológico, o stress emocional causado pela separação, especialmente no caso das crianças, pode levar a problemas emocionais duradouros que podem exigir intervenção profissional. O estigma social acrescenta outro nível de dificuldade, levando algumas famílias a esconder a sua situação e a não procurar apoio emocional.
- A reclusão tende a causar perturbações na dinâmica familiar. Os profissionais salientam a necessidade de apoio emocional para ambos os grupos. As dificuldades emocionais resultantes da separação dos filhos são assinaladas sobretudo pelas mulheres. Acima de tudo, as mulheres condenadas também salientam a necessidade de apoio psicológico para lidar com a situação.
- Embora a reclusão possa trazer alívio em casos de violência doméstica, os profissionais indicam que o seu impacto global é, na maioria dos casos, largamente negativo, resultando frequentemente em disfunção e distância emocional e, a longo prazo, na rutura dos laços familiares.
- As limitações ao contacto, tais como a restrição de visitas e a comunicação monitorizada, contribuem para a deterioração das relações. Ao mesmo tempo, tanto os reclusos como as suas famílias expressam o desejo de um maior apoio, incluindo um melhor acesso à comunicação, cuidados psicológicos e assistência financeira. Os especialistas defendem reformas sistémicas que proporcionem mais recursos prisionais, envolvimento emocional para os reclusos e um apoio mais forte após a libertação para ajudar a resolver estas questões profundamente enraizadas e restaurar as ligações familiares.
- Existe uma ligação significativa entre a intenção de evitar o regresso à prisão e a realização de mudanças positivas na vida, bem como o desejo de se reunir com a família ou de constituir família após a libertação. Este facto realça a importância de implementar intervenções e programas que se centrem no reforço dos laços familiares dos indivíduos em reclusão, uma vez que muitos associam a reintegração bem-sucedida na sociedade ao sucesso das suas relações com os entes queridos.

- Apenas um terço dos reclusos e das reclusas inquiridos declarou ter contacto regular com os seus filhos. Menos de metade dos inquiridos viu os seus filhos pelo menos uma vez nos últimos seis meses anteriores ao inquérito e 30% nunca recebeu a visita dos filhos durante o cumprimento da pena.
- O nosso estudo indica que os homens têm mais probabilidades do que as mulheres de não manterem contacto com os filhos, mas há um número significativo de pais e mães que não mantêm contacto com os filhos contra a sua vontade. As causas mais frequentes para a falta de manutenção da relação entre pais e filhos presos são o afastamento dos filhos pelo seu encarregado de educação atual / prestador de cuidados (i.e. *gatekeeping*), a distância geográfica e os custos de deslocação, bem como a falta de conhecimento da criança sobre a prisão dos pais.
- O "gatekeeping" aplica-se tanto às mães como aos pais, mas é mais comum as mães sentirem falta de possibilidade ou de vontade por parte dos atuais prestadores de cuidados de viajar com a criança para o estabelecimento prisional. O *gatekeeping* foi referido como o obstáculo à manutenção da relação parental por 1/3 das mães e 1/5 dos pais que não têm contacto com os filhos.
- São comuns os dilemas relacionados com a possibilidade de informar os filhos sobre o facto de os pais estarem presos. O nosso estudo revelou que muitos pais presos tendem a não contar a verdade aos filhos ou a dar-lhes uma história "suavizada" sobre as razões da sua detenção. Por vezes, trata-se de meias-verdades, como "Portei-me mal e agora tenho de limpar escolas". Na maioria das vezes, porém, é dada às crianças uma versão alternativa da realidade. Esta situação é responsável por mais de 1/4 dos casos em que um dos pais não mantém contacto com o seu filho. Ao mesmo tempo, os profissionais inquiridos indicam que pode ser psicologicamente prejudicial para as crianças e traumatizante não ter conhecimento da verdadeira razão da ausência dos pais. Há uma grande necessidade de apoio profissional neste domínio. A falta de conhecimento das crianças sobre a detenção dos pais afeta tanto os homens como as mulheres. De acordo com os especialistas, o problema é mais comum entre os reclusos que cumprem a pena pela primeira vez.
- A qualidade das relações com os parceiros entre os reclusos é frequentemente considerada inferior à da população em geral, provavelmente devido às tensões e desafios específicos da reclusão, como a separação, a comunicação limitada e a tensão emocional. Tanto os reclusos do sexo masculino como os do sexo feminino tendem a considerar que as suas relações são mais tensas ou instáveis, o que reflete o impacto da reclusão nas relações pessoais.

2. Programa de Aprendizagem Familiar

Introdução com objetivos

O programa de aprendizagem familiar, focando o contexto prisional, coloca os reclusos face a face com as suas responsabilidades duradouras para com a sua família e entes queridos na comunidade e fornece as competências necessárias para reforçar ainda mais os seus laços familiares e as suas ligações à rede social mais alargada.

Com base na abordagem humanista, o principal objetivo da iniciativa Golden Thread foi desenhar e implementar um Programa de Aprendizagem Familiar que responda às necessidades de mães e/ou pais privados de liberdade, abordando as dificuldades que enfrentam nas suas relações. Assim, o objetivo do Programa de Aprendizagem Familiar é reforçar e sustentar as relações e os laços familiares, de modo a que os homens e as mulheres em reclusão possam desenvolver e manter relações significativas com os seus parceiros, filhos e familiares e sejam capazes de explorar e desenvolver novas competências para reforçar esses laços com as suas famílias, enquanto cumprem a sua pena. Ao desenvolverem e reforçarem competências saudáveis e adequadas, as famílias atuarão como um fator de proteção, promovendo uma reintegração mais suave na sociedade e reduzindo o risco de reincidência.

Descrição

O desenvolvimento do Programa de Aprendizagem Familiar assinala um dos resultados mais importantes da iniciativa. O Programa de Aprendizagem Familiar baseou-se na avaliação da iniciativa sobre as necessidades dos reclusos em termos de competências sociais e capacidade emocional relacionadas com a sua capacidade de criar laços bem-sucedidos com as suas famílias e numa avaliação contínua sobre as formas como o Programa será aplicado para a facilitação adequada dos Workshops de Aprendizagem Familiar. A adaptação portuguesa do Programa inclui 22 sessões de 90 minutos, tendo havido 2 pilotos (e melhorias ao programa após o 1.º piloto).

O processo de desenvolvimento do programa foi exigente e baseou-se em alguns passos básicos. Ao aplicar o processo acima referido, pretendemos garantir que o Programa de Aprendizagem Familiar oferece sessões de qualidade concebidas de modo a satisfazer as necessidades dos reclusos e a atingir os resultados e objetivos de aprendizagem esperados. As fases que foram seguidas para o desenvolvimento do Programa de Aprendizagem Familiar são as seguintes

1. Avaliar as necessidades dos participantes.
2. Formulação de objetivos e metas de aprendizagem e resultados de aprendizagem.
3. Seleção cuidadosa das experiências de aprendizagem/sessões para atingir estes objetivos e resultados.
4. Seleção do conteúdo/material adequado e valioso das sessões - melhoria contínua dos recursos.
5. Avaliação atempada e exata de todas as fases acima referidas.
6. Desenvolvimento do programa, que consiste num enquadramento teórico em que são apresentados conceitos-chave e princípios teóricos, a fim de melhorar a compreensão dos participantes, atividades que facilitam e reforçam a adoção da teoria pelos participantes, bem como o desenvolvimento, a prática e a aplicação de diferentes competências. Para cada sessão, são preparados um plano de sessão, uma apresentação em Powerpoint e

atividades de ensino e aprendizagem (aprendizagem individual - atividades de reflexão, fichas de trabalho e aprendizagem em grupo - discussão, dramatização, etc.).

O Programa de Aprendizagem Familiar não se restringe apenas às questões parentais, mas é alargado a outros tipos de relações (relações românticas, relações com outros membros da família), de acordo com as necessidades dos participantes. Os quatro tópicos temáticos respondem a diferentes necessidades e, no seu conjunto, todas as 22 sessões servem o objetivo de ajudar os reclusos a desenvolver e melhorar as relações familiares. Com base no exposto, as quatro áreas temáticas são:

Tema A: Competências socio-emocionais para o desenvolvimento pessoal

Racional: O desenvolvimento pessoal é um capítulo essencial do Programa de Aprendizagem Familiar. O desenvolvimento pessoal, especialmente o repensar, reinventar e redirecionar da identidade, é a base para o desenvolvimento das competências parentais e para a criação e manutenção de relações e laços.

Objetivos: Ajudar os participantes a tomarem consciência de si próprios, a desenvolverem a sua identidade e a compreenderem os valores da sociedade. Desenvolver competências para gerir as suas emoções em diferentes circunstâncias, especialmente quando interagem com os outros.

Tema B: Relações românticas

Fundamentação: Uma segunda etapa crucial do desenvolvimento pessoal é a criação de laços com um parceiro romântico e a manutenção de uma relação romântica saudável. O foco é o bem-estar emocional do indivíduo, que pode ser melhorado através do desenvolvimento de uma relação romântica saudável e significativa ou da revisão de uma já existente.

Objetivos: Compreender melhor as características e os componentes de uma relação saudável e conseguir identificar necessidades importantes. Aumentar o sentimento de valor e de pertença e familiarizar-se com competências e estratégias para manter uma relação romântica.

Tema C: Parentalidade

Racional: "Parentalidade" é a parte principal do programa que proporciona uma aprendizagem abrangente e holística sobre questões relacionadas com a parentalidade. Um parâmetro fundamental é o facto de os participantes estarem familiarizados com a importância da ligação e do processo de vinculação, bem como com o papel dos pais e as suas responsabilidades.

Objetivos: Tomar consciência de um papel parental eficaz e adquirir e reforçar as suas competências parentais. Experimentar e aplicar diferentes competências e práticas e adquirir todas as competências parentais necessárias a um nível satisfatório.

Tema D: Relações com os membros da família

Racional: As relações com outros membros da família, como irmãos/irmãs, tios/tias, avós/mães e também amigos/as são muito importantes e muitas vezes esquecidas e negligenciadas. Este círculo de relações completa a rede familiar, acrescentando o elemento de reencontro com todos os membros da família.

Objetivos: Inspirar-se e suscitar sentimentos positivos e esperança, bem como otimismo e antecipação e, ao mesmo tempo, reforçar a sua motivação para trabalhar e investir na reaproximação aos seus entes queridos e melhorar a qualidade das suas relações.

O quadro seguinte apresenta em pormenor a distribuição do Programa de Aprendizagem Familiar:

Módulo A: Competências Socioemocionais para o Desenvolvimento Pessoal

- Autoconceito e desenvolvimento pessoal
- Valores
- Estilos de comunicação (passivo, agressivo, assertivo)
- Gestão da raiva
- Resolução de conflitos

Módulo D: Relações Familiares

- Diferentes formas de comunicação com familiares no contexto prisional
- Reconectar: tempo de qualidade com familiares

Módulo B: Relações Românticas

- Componentes de uma relação romântica saudável e estável
- Identificar as necessidades do/a parceiro/a
- Relação romântica: conflito e estratégias de resolução de conflito

Módulo C: Parentalidade

- Papel parental
- Parentalidade positiva e interação
- Identificar necessidades básicas, cognitivas e afetivas de crianças e adolescentes
- Comunicar com crianças, escuta ativa e expressar emoções
- Vinculação: competências e práticas parentais para promover laços seguros (I)
- Vinculação: competências e práticas parentais para promover laços seguros (II)
- Coesão familiar, estabelecimento de limites e regras familiares (I)
- Coesão familiar, estabelecimento de limites e regras familiares (II)
- Coparentalidade
- Envolvimento na Educação dos Filhos

Informações especiais sobre o que deve ser objeto de atenção

- Preparação adequada e exaustiva do formador - excelente conhecimento do conteúdo do curso.

- Assegurar que o material é enviado à pessoa responsável - imprimir o ppt, o plano de sessões e todas as atividades que serão utilizadas - os formadores devem ter o ppt e o plano de sessões impressos para o caso de haver um problema com a ligação à Internet (caso haja no EP) ou com a USB.
- Os formadores devem seguir a estrutura do programa (plano de sessões) - existe uma coerência entre as sessões - módulos e no conteúdo de cada sessão.
- Salientar a flexibilidade dos formadores para ajustar a sessão, de acordo com as necessidades do grupo - pode ser necessário saltar algumas atividades ou partes da teoria.
- O formador deve estar preparado para responder a várias perguntas - se não souber a resposta, deve indicá-lo e dizer que voltará com a resposta adequada.
- Limitações de tempo - encurtar as sessões de modo a cobrir as questões mais importantes da sessão.
- Utilize uma linguagem simples - evite utilizar definições ou termos que sejam difíceis de compreender pelos participantes.
- As atividades e o debate, que se baseiam na teoria, provaram manter o interesse e a motivação dos participantes - a parte teórica também pode ser simplificada e encurtada para satisfazer as necessidades de diálogo e debate.
- Barreiras linguísticas - há vários participantes que não falam a língua materna do país de acolhimento. Os formadores podem dar a sessão na língua materna do país, se necessário um deles faz uma tradução paralela para inglês (como decorreu no Chipre, por exemplo). Se os participantes falarem outra língua e não houver um intérprete disponível, poderão ter de ser excluídos do grupo.
- Número de participantes - uma vez que, em alguns casos, a participação pode ser limitada, deve ser possível aceitar outros participantes até à quinta sessão (exemplo de Chipre).
- Compromisso com o horário - consistência durante toda a duração da sessão (início e fim) - as pausas devem ser evitadas porque criam perturbações e fazem perder tempo para retomar a sessão.
- Rotinas e responsabilidades dos participantes (por exemplo, alguém traz os lápis, outra pessoa traz as folhas de presença, etc.) - desta forma, os participantes sentem-se responsáveis, úteis e têm um sentimento de utilidade e de pertença ao grupo.
- Regras do grupo - todos os grupos precisam das suas próprias regras para poderem funcionar num contexto de respeito mútuo e disciplina.
- Importância de criar um clima de confiança, respeito mútuo e aceitação - facilita o processo de aprendizagem e promove um ambiente de aprendizagem positivo.
- Informações pessoais sensíveis que são partilhadas no grupo - gestão de informações sensíveis - é essencial ser cauteloso e cuidadoso para distinguir as informações partilhadas e as questões que devem ser evitadas - o contexto não é terapêutico, mas educativo, o que é esclarecido desde o início, tal como o papel do formador.
- Boa relação e cooperação com o pessoal prisional - contribuem para o bom desenrolar do curso sem quaisquer complicações ou problemas (lembrar os participantes, preparar materiais, transferir conteúdos da pen usb, listas de presenças, etc.).
- Relação positiva mas limitada com os participantes - esta relação é estabelecida desde o início através da definição das regras e da sua aplicação coerente - o formador é o meio para os participantes adquirirem conhecimentos e possivelmente mudarem, mas também a chave para criar motivação para uma presença consistente dos participantes.



3. Grupos de apoio à família

Introdução e objetivos

A manutenção de laços familiares e de relações fortes para as pessoas afetadas pela reclusão traz inúmeros benefícios para as famílias, para os reclusos e para a sociedade em geral. No entanto, a sua manutenção exige esforços tanto dos reclusos como das suas famílias e requer uma prestação consistente de apoio relevante a ambos os grupos. No âmbito da iniciativa Golden Thread, os reclusos são apoiados a manter os seus laços familiares através da sua participação no Programa de Aprendizagem Familiar (ver parte anterior do Guia). Por outro lado, para responder à necessidade de apoiar as suas famílias a manter contactos e laços, é necessária uma abordagem diferente.

O apoio às famílias e aos filhos de pessoas em reclusão tem sido, até hoje, marcado por desafios e insuficiências, tanto a nível individual (por exemplo, devido ao estigma, ao isolamento ou à falta de informação ou de acesso aos serviços disponíveis) como a nível organizacional (devido a dificuldades na identificação das famílias, ao não reconhecimento das suas necessidades). Assim, os parceiros da iniciativa propõem uma metodologia de grupo de apoio à família exclusivamente para as famílias de pessoas privadas de liberdade, como uma forma alternativa de apoiar as famílias e contribuir para manter fortes laços familiares entre os reclusos e as suas famílias.

Este tipo de apoio insere-se na categoria mais vasta de apoio entre pares. O apoio entre pares refere-se ao apoio emocional e prático prestado por indivíduos que partilham experiências e antecedentes semelhantes. No contexto das famílias de pessoas privadas de liberdade, o apoio entre pares pode ser prestado por outras famílias ou outros familiares ou amigos que também tenham tido os seus membros em reclusão. Este tipo de apoio pode ser particularmente útil porque os pares podem identificar-se com as dificuldades uns dos outros e oferecer empatia, compreensão e conselhos baseados nas suas próprias experiências.

Muitos dados sobre esta questão indicam que os grupos de apoio às famílias dos reclusos proporcionam um ambiente seguro e de apoio para que os familiares de indivíduos em reclusão se reúnam e partilhem as suas experiências. Estes grupos para as famílias oferecem frequentemente conselhos práticos e orientações sobre uma série de questões relacionadas com a reclusão. Além disso, estes grupos servem muitas vezes como fonte de apoio emocional para os familiares, criando assim um sentimento de comunidade e de pertença com outros que partilham experiências semelhantes. Ao estabelecer contacto com outras pessoas em situações semelhantes, as famílias podem encontrar força e apoio umas nas outras.

Com base nestes factos e nos resultados da investigação, os parceiros da iniciativa desenvolveram uma metodologia de grupo de apoio à família para ser implementada com estas famílias. Esta metodologia é descrita em pormenor em dois documentos principais, desenvolvidos especificamente para a iniciativa Golden Thread:

- Grupo de Apoio para Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade – Quadro Operacional e Metodológico
- Grupo de Apoio para Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade – Manual para Profissionais

ambos descritos nas secções seguintes.

Grupo de Apoio para Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade – Quadro Operacional e Metodológico

O Quadro Operacional é um documento analítico que fornece a qualquer parte interessada os princípios e o quadro para a criação e funcionamento de um Grupo de Apoio para Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade (GAFPPL). Contém a metodologia, informação de base sobre a importância do apoio entre pares, elementos-chave necessários num programa de grupo de apoio e uma descrição passo a passo sobre como desenvolver um programa de apoio entre pares. Este quadro destina-se a ser utilizado como uma ferramenta por qualquer parte interessada [autoridades públicas/locais, institutos penitenciários, ONG, organizações de voluntariado, etc.].

O Quadro Operacional é um conjunto de diretrizes e princípios que visam apoiar e capacitar as famílias de pessoas privadas de liberdade, através do desenvolvimento e implementação de grupos de apoio. O quadro fornece uma abordagem abrangente para responder às necessidades das famílias dos reclusos, incluindo apoio emocional, assistência prática e defesa.

De um modo geral, o Quadro Operacional dos GAFPPL é uma ferramenta importante para apoiar as famílias e os amigos dos reclusos. Este quadro descreve o processo a seguir para a conceção e a implementação dos Grupos de Apoio no âmbito da iniciativa Golden Thread. O Quadro está estruturado nos seguintes capítulos:

Capítulo 1. Introdução ao Grupo de Apoio para Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade

O capítulo apresenta uma visão geral da finalidade e dos objetivos do grupo de apoio, incluindo também informações sobre os tipos de apoio a oferecer, como o apoio emocional ou a assistência prática para navegar no sistema de justiça penal. Descreve os princípios da metodologia de apoio entre pares, os valores e as características de um grupo de apoio dirigido exclusivamente às famílias afetadas pela reclusão, descrevendo também a estrutura do grupo de apoio. Inclui pormenores sobre a frequência das reuniões, se serão realizadas pessoalmente ou online e o papel dos facilitadores que dirigem o grupo de apoio.

Capítulo 2. Desenvolvimento do Programa

Este capítulo inclui os fatores básicos a ter em conta na conceção e desenvolvimento de um programa para grupos de apoio às famílias de pessoas privadas de liberdade. Estes fatores incluem questões de acessibilidade para que o programa seja acessível a todas as famílias, independentemente da sua localização ou estatuto socioeconómico, e questões de confidencialidade, uma vez que as famílias de pessoas privadas de liberdade podem hesitar em procurar apoio devido ao receio de estigma ou discriminação. O Capítulo também inclui informações sobre como desenvolver as declarações de missão e visão para o grupo de apoio, como selecionar os facilitadores e como definir a hora e o local de reunião do grupo. Por último, fornece conselhos específicos para manter o grupo de apoio à família a funcionar e a desenvolver-se com sucesso.

Capítulo 3. Implementação do Programa:

A implementação bem-sucedida de grupos de apoio para familiares de pessoas privadas de liberdade requer uma consideração cuidadosa de vários fatores, tais como o local para as reuniões do grupo de apoio; as competências dos facilitadores para que conduzam as reuniões do grupo de apoio de forma eficaz; o conteúdo e a estrutura das reuniões do grupo de apoio, de modo a proporcionar um espaço seguro para as famílias partilharem as suas experiências, sentimentos e preocupações. Além disso, o capítulo inclui orientações para o desenvolvimento das diretrizes do grupo de apoio e fornece informações sobre a estrutura das reuniões, com especial destaque para a primeira reunião.

Capítulo 4. Planeamento para a Sustentabilidade:

Para que os grupos de apoio às famílias sejam sustentáveis, é necessário ter em conta e cuidar de determinados fatores, tais como o financiamento, que pode provir de subsídios governamentais, donativos privados ou eventos de angariação de fundos; a liderança, que pode motivar e inspirar outros a envolverem-se nas atividades do grupo; o trabalho em rede com outras organizações e indivíduos na comunidade, para expandir o seu alcance e aumentar o seu impacto. Outros elementos que são considerados para a sustentabilidade de um Grupo de Apoio às Famílias de Reclusos, tal como apresentados no Capítulo, incluem a definição de metas e objetivos claros e o desenvolvimento de estratégias de comunicação eficazes. O Capítulo descreve em pormenor os fatores tangíveis e intangíveis que podem apoiar a sustentabilidade de um grupo de apoio às famílias dos reclusos.

O Manual para Profissionais

O Manual para Profissionais é um guia analítico que visa fornecer a qualquer profissional que assuma o papel de facilitador de um grupo de apoio familiar constituído por membros da família afetados pela reclusão, os princípios e o enquadramento para a criação, condução e funcionamento um grupo de apoio à família de reclusos.

O objetivo básico do Manual é fornecer orientações práticas aos facilitadores do grupo de apoio à família sobre o modo de funcionamento do grupo e ajudá-los a discutir as questões relacionadas com as regras básicas específicas, de acordo com as quais o grupo realizará as suas reuniões. Além disso, o Manual tem como objetivo fornecer orientações e conselhos sobre questões práticas relacionadas com o papel dos facilitadores, tais como a preparação da reunião, o início, a condução e o encerramento de um debate, a preparação da sala de reuniões, o início das reuniões, as apresentações e informações preliminares, o incentivo aos membros para se ouvirem e apoiarem mutuamente, a oferta de apoio, o tratamento de membros difíceis do grupo e o encerramento adequado das reuniões. O Manual também inclui informações sobre o papel do segundo facilitador e como estes dois profissionais podem cooperar na gestão do grupo de apoio, bem como dicas específicas sobre como resolver problemas e desafios que podem ocorrer à medida que as reuniões do grupo evoluem.

O Manual destina-se a ser utilizado pelos facilitadores de forma complementar com o Quadro Operacional. Por conseguinte, o Manual é um guia que fornece o enquadramento prático para a implementação dos Grupos de Apoio para Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade, com base na abordagem específica da iniciativa Golden Thread. Destina-se a profissionais com alguma experiência neste domínio, tais como psicólogos, assistentes sociais, conselheiros, treinadores, etc., ou seja, profissionais que já possuem as competências e conhecimentos básicos para liderar e facilitar um grupo de apoio de pares. Espera-se que o Manual apoie qualquer profissional que assuma o papel de facilitador de um grupo de apoio familiar, para que o implemente eficazmente, em benefício dos membros da família participantes.

Informações sobre o que deve ser objeto de atenção

A nível da conceção e da preparação dos grupos de apoio:

- É necessário mais tempo para contactar e informar os potenciais membros do grupo. Este processo deve começar muito antes do início previsto do grupo de apoio. Os familiares de indivíduos em reclusão não são tão visíveis como outros grupos sociais vulneráveis, pelo que é necessário um esforço adicional para os localizar e persuadir a participar no grupo. Esta situação pode ser atribuída a diferentes fatores, tais como o facto de o conceito de apoio entre pares ainda não ser amplamente conhecido ou utilizado e de o estigma que estas famílias experimentam as desencorajar frequentemente a falar abertamente sobre a sua situação e a procurar ajuda.
- O perfil e o historial das organizações que implementam os grupos de apoio às famílias dos familiares de pessoas presas desempenham um papel crucial. Os familiares precisam de ter uma ideia clara da organização que está por detrás dos grupos de apoio e de conhecer as iniciativas que implementa para as populações vulneráveis.
- Diferentes organizações/autoridades/partes interessadas precisavam de ser informadas sobre a FSG e, em alguns casos, precisavam de dar autorização para aceder aos membros da família (como no caso dos Serviços Sociais que operam nas prisões). Neste sentido, o envolvimento de atores-chave locais para apoiar a iniciativa (tais como ONG locais, ou Organizações e Instituições de Base Comunitária) pode revelar-se uma boa ideia para a abordagem dos familiares de indivíduos em reclusão.
- É necessário um planeamento cuidadoso de qualquer atividade relacionada com a organização e implementação de grupos de apoio (em termos de divulgação, informação, recrutamento, cooperação, implementação, sustentabilidade, etc.) de modo a garantir que os esforços relevantes atinjam o seu objetivo de apoiar os familiares dos reclusos.

Em termos de implementação dos grupos de apoio:

- O papel dos facilitadores é muito importante para a dinâmica do grupo. Os facilitadores precisam de ter a experiência, a empatia e a flexibilidade necessárias para abordar qualquer questão difícil que possa surgir durante uma das reuniões do grupo. Precisam de estar bem preparados para responder a diferentes situações e atender a diferentes necessidades de forma eficaz.
- Em muitos casos, as necessidades dos membros da família são muito específicas e diversas. Os facilitadores devem reconhecer essas necessidades e abordá-las no grupo em conformidade, destacando também as restantes questões que podem ser discutidas durante as reuniões. A seleção dos tópicos a discutir cabe aos membros do grupo.
- O papel dos facilitadores é garantir que é criado um espaço seguro para todos, onde todos são igualmente respeitados e aceites. É essencial que os facilitadores estudem os materiais relevantes (como o Quadro Operacional e o Manual) para facilitar o processo.
- As regras básicas constituem um instrumento importante para facilitar a criação de um ambiente sem juízos de valor.
- O local onde se realizam as reuniões é importante. O local escolhido tem de ser de fácil acesso, perto do local de residência das famílias. Longas horas de viagem desencorajarão os membros da família de participar nas reuniões de grupo.
- A primeira reunião é muito importante para clarificar o âmbito e os objetivos do grupo de apoio, definindo também as esperanças e expectativas dos membros do grupo. Durante a primeira reunião, devem ser esclarecidos todos os diferentes aspetos da implementação do grupo de apoio, para que os membros saibam o que esperar e como podem contribuir para o apoio efetivo uns dos outros.

- A sustentabilidade tem de ser considerada para além do período de financiamento. As organizações responsáveis pela conceção e implementação dos grupos de apoio têm de se certificar de que as reuniões do grupo prosseguem, procurando obter diferentes recursos financeiros. Os facilitadores também podem contribuir para este esforço.

4. Guia de implementação a partir do contexto nacional

Neste capítulo encontrará o Guia para a implementação de todo o Programa Golden Thread nos países nacionais dos Países Parceiros. Encontrará as questões específicas, os requisitos, incluindo os legais, bem como algumas dicas que foram possíveis devido à fase piloto em Chipre, Grécia, Polónia e Portugal.



Chipre

A Escola do Departamento Prisional de Chipre, um testemunho dos esforços de colaboração do Ministério da Justiça e da Educação, funciona sob a sua jurisdição conjunta. O programa é um produto desta colaboração frutuosa. Os objetivos gerais da Escola Prisional são: 1) Reaproximar os reclusos do sistema educativo, 2) Desenvolver competências metacognitivas (aprender a aprender), 3) Estimular a autoestima dos reclusos e 4) Reforçar a participação ativa.

A filosofia da Escola Prisional do Chipre está profundamente enraizada no modelo de ligação, que realça a ligação crucial entre a sociedade antes da prisão e a vida após a libertação. Todos os programas educativos são certificados e visam facilitar a reabilitação dos detidos através da educação, atividades físicas, atividades sociais e trabalho. Para além disso, oferece educação para a inovação digital. Especificamente, as sessões da escola prisional estão equipadas com computadores offline. Material audiovisual e materiais pré-gravados estão disponíveis para os reclusos.

Os projetos escolares da Escola Prisional do Chipre não são apenas educativos, mas também exclusivamente interdisciplinares. São concebidos para satisfazer as diversas necessidades e interesses dos detidos, demonstrando a adaptabilidade e a capacidade de resposta da escola aos desafios específicos da educação prisional.

No entanto, o contexto prisional é muito difícil de implementar um programa educativo devido aos seguintes desafios

- Cultura e atitudes institucionais
- Recursos limitados - Tempo limitado para o programa escolar
- Regras estritas
- Sistema seguro - Muitos controlos antes de entrar na prisão
- As sessões psicoeducativas não são totalmente confidenciais - o pessoal da prisão está presente por razões de segurança
- A tecnologia não pode ser utilizada de forma eficiente, uma vez que a Internet não é permitida.
- Perturbação contínua das atividades educativas previstas devido a transferências/libertação de detidos.
- Não há pessoal suficiente para apoiar a segurança durante as sessões

Procedimentos de segurança do Departamento Prisional de Chipre

Para entrar no Departamento Prisional de Chipre e realizar um projeto (quer como organização, quer como pessoa), é necessário obter autorização do delegado prisional. Depois de obtida a autorização, devem ser seguidos os seguintes procedimentos de segurança.

- São necessários 30 minutos para entrar na prisão e passar pelos controlos de segurança.
- É necessário enviar o bilhete de identidade para poder entrar na prisão.
- Recebe um cartão de visitante e pode conduzir o seu carro dentro da prisão.
- Os objetos pessoais (por exemplo, chave do carro, BI) são guardados numa caixa na secretária, juntamente com um cartão de visita.
- É proibido transportar e utilizar telemóveis, usb, computadores portáteis, etc. dentro da prisão.
- É possível haver controlo físico na prisão por parte do pessoal prisional do mesmo sexo.
- Não é permitido tomar café ou outras bebidas nas prisões, exceto água engarrafada, que deve ser selada.
- Não é permitido, em circunstância alguma, oferecer presentes ou objetos aos detidos ou receber qualquer presente ou objeto de um detido, mesmo que seja algo que possa ser considerado insignificante.
- Um formador não pode fornecer aos detidos o seu telefone, endereço de correio eletrónico ou outras informações pessoais.
- É necessário manter uma comunicação frequente com a pessoa responsável pelo programa prisional.

Questões organizacionais

O programa Golden Thread foi autorizado a ser implementado em três dos oito blocos prisionais (Blocos Escolares 1-2 para homens, Blocos Escolares 5-8 para homens) e Bloco Escolar 3 (para mulheres). A participação no programa Golden Thread era voluntária. O Diretor da Educação Prisional informou cada detido sobre o programa. Decidimos ter uma estrutura de grupo aberto para este programa e permitimos a entrada de novos reclusos até à quinta sessão. Na quinta sessão, 14 reclusos do sexo feminino e 30 do sexo masculino participaram no programa.

Para evitar o abandono devido aos programas prisionais ou às limitações dos reclusos para terem uma frequência empenhada, tomámos as seguintes medidas

1. Antes de cada sessão de psicoeducação, o pessoal prisional fazia anúncios para lembrar os reclusos de frequentarem os cursos.
2. Um recluso de cada grupo era responsável por lembrar os restantes de frequentarem os cursos.
3. Os formadores são flexíveis e começam um pouco mais tarde para dar tempo aos detidos para comerem depois do almoço.
4. Os formadores discutem com os detidos, abordam as dificuldades em frequentar os cursos e tentam encontrar uma solução alternativa.
5. Os formadores pedem feedback aos detidos após cada sessão para aumentar a participação ativa e a motivação durante o programa.
6. Os formadores são mais flexíveis e permitem que os detidos que não falam grego frequentem os cursos para aumentar a participação dos detidos. Num dos grupos, as sessões são dadas em inglês.
7. Após os pedidos dos detidos, os formadores imprimem a apresentação, para que os detidos compreendam melhor o material da sessão.
8. Os formadores modificam o material do curso para atender às necessidades e interesses dos reclusos. Por exemplo, muitos reclusos não são pais, pelo que as sessões de educação parental para eles são apresentadas do ponto de vista da criança.

Adaptações curriculares

O programa diferencia os reclusos do sexo feminino dos do sexo masculino. Especificamente, as mulheres precisam de discutir as suas emoções, as necessidades das crianças e as competências parentais mais do que os reclusos do sexo masculino. Por conseguinte, no grupo feminino, a maioria das atividades fazia parte da discussão. As reclusas pediram mais práticas parentais. Além disso, algumas atividades não foram implementadas devido a limitações de tempo.

Além disso, os reclusos do sexo feminino e masculino preferiam trabalhar em grupos em vez de individualmente, pelo que as atividades foram mais adaptadas ao trabalho de grupo.

A maioria dos reclusos do sexo masculino não eram pais. Por conseguinte, a Parte C centrou-se nas suas necessidades enquanto crianças e na forma como os seus pais se comportaram em relação a elas. Além disso, são discutidos os planos de ação para a parentalidade e a forma de ser um pai eficaz.

Preparação dos cursos

Para conseguir uma implementação mais viável do programa Golden Thread e tendo em consideração as restrições e dificuldades das prisões, a Escola Teológica, com a cooperação do Departamento Prisional de Chipre, tomou as seguintes medidas:

1. Todas as sextas-feiras à tarde, o material didático da semana (por exemplo, planos de sessão, PowerPoints, atividades e ligações de vídeo) é enviado por correio eletrónico para o diretor da Escola Prisional do Chipre.
2. Os formadores imprimem antecipadamente todos os questionários, folhas de atividades e apresentações em PowerPoint e transferem-nos para a prisão utilizando pastas de papel após os controlos.
3. Os formadores fornecem canetas, cadernos e outros materiais descartáveis à prisão.
4. O Diretor da Escola Prisional de Chipre descarrega o vídeo e todas as ligações necessárias e guarda-os num USB com o material da sessão.
5. Uma vez que o USB não pode ser realizado na prisão quando os formadores passam os controlos, um membro do pessoal prisional oferece o USB da penitenciária para apresentar o material.
6. Quando os formadores concluíram as sessões, as USB foram devolvidas ao pessoal prisional.
7. Os formadores levaram consigo todos os materiais impressos e descartáveis (por exemplo, canetas).

Realização do Programa Golden Thread na Prisão de Chipre

As 20 sessões foram facilitadas uma vez por semana, de maio a outubro de 2024, em três grupos. Três formadores profissionais comprometeram-se a facilitar o programa (é atribuído um formador por grupo). Em cada sessão, os estudantes de pós-graduação em rotação são acompanhados pelo formador profissional e ajudaram na implementação do programa. As sessões têm uma duração de 1h15 a 1h30, dependendo da participação, de problemas técnicos e do horário da prisão. As sessões são facilitadas em inglês e grego ao mesmo tempo (tradução paralela). O ritmo dos programas é ajustado com base no nível educacional, nas necessidades e nos interesses dos reclusos. A maioria das atividades é implementada como trabalho de grupo e não individualmente, uma vez que muitos reclusos têm dificuldade em compreender as atividades. Além disso, a maioria dos reclusos prefere partilhar as suas experiências e atitudes em vez de escrever e preencher fichas de trabalho individuais. Alguns vídeos não são reproduzidos devido a problemas técnicos, mas como há outras atividades no plano de sessões, o curso não é afetado. Os reclusos são livres de fazer intervalos e de sair, se houver um anúncio relevante.

Conselhos importantes para a implementação

- Estabelecer uma boa colaboração e comunicação entre formadores e participantes, utilizando uma abordagem humanista sem julgamentos ou preconceitos. Adotar uma atitude positiva em relação aos detidos.
- Desenvolver a normalidade e a cultura de aprendizagem no grupo (um local seguro para partilhar).
- Estabelecer as regras em cooperação com os detidos.
- Abordou questões que interrompem a execução do programa (por exemplo, atrasos sem motivo, brigas entre os detidos).
- Boa preparação prévia dos planos de sessão e das apresentações (compreensão do material, necessidade de alteração quando necessário).
- Os formadores devem ser flexíveis e fazer ajustes de acordo com as necessidades, interesses e capacidades dos detidos.
- Os formadores têm de estar preparados para gerir sentimentos intensos durante os cursos.
- Normalizar sentimentos negativos ou experiências traumáticas.
- Simplifique os termos do PowerPoint ou dê orientações mais precisas para as atividades, utilizando exemplos específicos da vida quotidiana.
- Tornar o programa interativo. É importante usar um tom de voz animado e fazer algumas piadas para quebrar o gelo com os detidos.
- Dê tempo aos participantes para explorarem e partilharem ideias.
- Envolver os participantes nos procedimentos. Pedir aos participantes que deem o seu feedback e os seus contributos para os workshops.
- Facilitar o programa em estilo de co-ensino, o programa é sugerido para ser dinamizado por dois formadores.

Grupo de Apoio à Família - O Impacto do Sistema Prisional

Barreiras urgentes enfrentadas pelo Departamento Prisional de Chipre:

- Muitas restrições e medidas rigorosas para entrar na prisão e implementar projectos devido a modificações no gabinete da Administração. Estas alterações causaram dificuldades significativas na comunicação, na autorização dos procedimentos de implementação e na realização dos grupos de apoio da iniciativa Golden Thread.
- Restrições à comunicação e ao acesso aos familiares dos reclusos. A Prisão de Chipre tem uma política de não partilhar os dados de contacto dos familiares dos reclusos devido à confidencialidade e ao RGPD.
- Não existe qualquer ligação entre o Departamento Prisional do Chipre, a ONG e os familiares dos reclusos. Por conseguinte, o Departamento Prisional de Chipre não é responsável pelas famílias dos reclusos e é difícil identificar os familiares dos reclusos que possam querer participar nos grupos de apoio.



Grécia

Preparação dos programas na prisão

Qualquer organização interessada em realizar um programa educativo (ou um programa) na prisão deve apresentar um pedido ao Conselho Penitenciário. A organização deve apresentar um pedido descrevendo os pormenores do programa: quem o realiza, porquê, sobre que tema, a quem se destina, quem o realizará, em quanto tempo (horas/dias/semanas), etc. Em seguida, o funcionário responsável pela educação na prisão (ou seja, o profissional responsável por todas as atividades de educação e formação organizadas no instituto correccional específico) examina se o programa satisfaz as necessidades educativas dos reclusos, se os materiais estão em conformidade com as medidas de segurança (em cooperação com o diretor), se o formador será pago por uma organização externa ou se é um voluntário e, no final, apresenta a sua proposta ao Conselho Prisional. O Conselho Penitenciário também decide sobre o local onde o programa terá lugar.

O Conselho Penitenciário, por sua decisão, autoriza a entrada de um formador e a organização de um programa de formação e transmite-o ao Secretariado-Geral da Política de Combate à Criminalidade, que o aprova ou rejeita no prazo de 20 dias (para um programa) e de 3 dias (para uma simples entrada).

Para os formadores que se encarregarão da realização do atelier/programa, o estabelecimento prisional solicita ao Secretariado uma autorização de entrada para o período específico do atelier. A autorização de entrada para o formador é tratada da mesma forma que qualquer outra pessoa que entre no estabelecimento, sem quaisquer exceções.

A admissão de material didático, como um computador ou qualquer outro instrumento/meios necessários para a realização do programa, só é concedida após consulta do estabelecimento prisional.

Geralmente, o estabelecimento prisional é a única organização responsável pelas autorizações e pelo procedimento de entrada dos formadores e dos instrumentos relevantes.

O processo de entrada demora normalmente 3 a 5 dias úteis. Se tiverem decorrido 20 dias para um programa educativo ou 3 dias para uma entrada simples e o Secretariado-Geral da Política de Combate ao Crime não tiver enviado uma decisão de rejeição, considera-se que o programa/oficina ou a autorização de entrada foram aprovados.

Organização dos programas

Um número total de 20 a 22 participantes pode participar num único grupo de formação ou de programa. Os reclusos candidatam-se para serem selecionados para participar no programa e, caso sejam recebidas mais candidaturas, é criada uma lista de candidatos. Estas pessoas podem substituir os participantes selecionados no caso de estes abandonarem o programa, serem libertados ou transferidos para outro estabelecimento prisional.

Após as primeiras 4 sessões, o formador pode avaliar os conteúdos de modo a ter uma ideia clara e prever quais os conceitos e questões que são importantes para os participantes específicos. A experiência anterior com o grupo e com as questões abordadas no programa também pode ajudar o formador a decidir sobre os tópicos que mais interessam aos participantes. Situações inesperadas podem ser tratadas adequadamente pelo formador com base na sua experiência de ensino, na sua inteligência emocional, no seu conhecimento dos conteúdos, na sua rápida compreensão dos formandos e da sua situação, no seu papel. Criar perguntas que possam animar as interações e discussões, utilizar o humor e até o auto-sarcasmo, mudar o interesse de tópicos específicos para tópicos gerais e evitar fatores de stress podem ajudar a lidar inicialmente com uma situação inesperada.

Todos os participantes receberam cadernos, canetas, marcadores, papel A4 e materiais para os jogos interativos. Um computador portátil e um quadro interativo foram também utilizados em algumas sessões (quando disponíveis).

Realização dos programas

Para o primeiro grupo, cada reunião durava 2 horas com um intervalo de 10 minutos entre elas. Realizou-se uma vez por semana, exceto quando um formador estava de licença. Para o segundo grupo, a organização da sessão foi decidida pelo formador depois de estudar todo o programa e em cooperação com as autoridades do centro de detenção sobre a disponibilidade do local e dos agentes de segurança. Cada sessão tinha a duração de 60 minutos, embora a sua duração fosse flexível:

A Sessão pode ser prolongada ou encurtada, consoante a disposição dos formandos. Para este grupo, os participantes não pediram uma pausa, mesmo quando a sessão ultrapassou a duração pré-determinada.

Algumas dicas para os formadores:

- O material dos módulos é muito rico e difícil de processar em vinte e duas horas e o formador deve estar preparado para realizar mais reuniões ou escolher as secções temáticas mais interessantes para o seu grupo.
- Os participantes têm um QI médio e por vezes superior. Isto pressupõe que o formador deve trabalhar com seriedade, responsabilidade, humor e vontade de oferecer. O formador deve ser um profissional dedicado, disposto a testar novas abordagens e materiais.

Fim dos programas

No final dos programas, devem ser consideradas as seguintes questões e sugestões:

- Foi feita uma referência pormenorizada aos diferentes métodos de comunicação e foi salientada a necessidade de restabelecer a ligação com os membros da família após a libertação.
- Foi pedido aos participantes que expressassem quais os pontos e questões a reter e recordar do programa. Isto fê-los refletir e exprimir-se livremente.
- A avaliação foi feita com base no questionário fornecido pela iniciativa. No caso de os participantes não compreenderem algumas das perguntas do questionário, o formador explicou e facilitou a sua compreensão.

Preparação para os grupos de apoio à família

No caso da Grécia, o tempo necessário para a preparação dos grupos de apoio foi mais longo do que o previsto. Com base na nossa experiência, estas famílias são difíceis de alcançar e envolver. Implementámos diferentes abordagens para o conseguir, incluindo o fornecimento de informações detalhadas aos departamentos de serviços sociais que operam nos Institutos Correccionais de todo o país, contactando profissionais específicos que trabalham em OCB que oferecem serviços de apoio a diferentes grupos vulneráveis e contactando familiares e reclusos específicos que estiveram envolvidos em algumas das atividades anteriores da iniciativa, tais como as atividades de investigação. Além disso, a nossa organização divulgou repetidamente informações relevantes sobre a futura implementação dos grupos de apoio às famílias através das redes sociais, do sítio Web e de boletins informativos. Embora os potenciais participantes pensassem inicialmente que esses grupos os ajudariam a enfrentar os desafios com que se deparam, a sua reação foi fraca. Em muitos casos, os participantes não conseguiram perceber como se poderiam apoiar uns aos outros, uma vez que estão habituados a receber apoio apenas de outros (como OCB, organizações públicas e profissionais de saúde). Além disso, tendo em conta que a maioria das pessoas que cumprem penas nas prisões gregas

é de origem estrangeira e o facto de, na maioria dos casos, as famílias dos reclusos de origem grega residirem em partes diferentes e distantes do país, a organização desses grupos enfrentou desafios adicionais. Por fim, ao falar com os potenciais participantes, tornou-se evidente que estes tinham questões práticas muito específicas que queriam discutir (tais como benefícios estatais) e não manifestaram qualquer interesse em partilhar as suas histórias e as suas lutas emocionais. Tornou-se evidente que estas pessoas não queriam ser identificadas como "familiares de pessoas privadas de liberdade", com receio de serem ainda mais estigmatizadas e traumatizadas.

Se a sua organização pretende organizar grupos de apoio às famílias dos reclusos, deve ter em atenção o seguinte

- Iniciar a preparação o mais cedo possível. É necessário algum tempo para que este grupo-alvo compreenda os potenciais benefícios da sua participação e se aperceba do poder que lhe é conferido pela participação.
- Envolver o maior número possível de organizações relevantes como multiplicadores das próximas atividades do grupo de apoio. A informação deve ser divulgada através de diferentes canais, de modo a chegar ao maior número possível de utilizadores finais.
- A informação distribuída sobre a organização e a implementação dos grupos de apoio às famílias deve ser concisa, clara e numa linguagem simples, porque em muitos casos os níveis de literacia dessas famílias não são elevados.
- Utilizar profissionais que tenham trabalhado com estas famílias para informar os potenciais participantes e persuadi-los a participar. Os membros da família não estão dispostos a revelar informações pessoais e íntimas a pessoas que não conhecem. Criar confiança com estes familiares é decisivo para o progresso dos grupos de apoio.

Implementação de grupos de apoio à família

No caso da Grécia, o início dos grupos de apoio à família revelou-se um desafio. Parecia que os membros da família não sentiam que este tipo de abordagem e metodologia de apoio os ajudaria verdadeiramente, apesar de, em teoria, terem manifestado o seu interesse e opiniões positivas. Foi necessário contactar repetidamente os participantes e recordar-lhes as reuniões, os horários e os locais, de modo a garantir a sua presença e participação ativa. As taxas de participação foram baixas e muito poucos membros da família regressaram para participar em mais do que uma ou duas reuniões. Durante as reuniões, os participantes não quiseram discutir questões pessoais ou emocionais e as discussões centraram-se em questões financeiras e nas diferentes prestações estatais a que se podem candidatar. Tal como descrito na fase de preparação, estes grupos necessitam de tempo para serem formulados e de paciência por parte da organização que organiza a intervenção.

Se a sua organização pretende implementar grupos de apoio familiar para as famílias dos reclusos, deve prestar atenção ao seguinte

- Seja o mais flexível possível relativamente às questões a discutir em cada reunião. Não se esqueça que só abordando eficazmente as suas primeiras preocupações é que eles ficarão para discutir outras questões "mais difíceis" e íntimas, relacionadas com as relações e a dinâmica familiar.
- Os membros da família devem ser contactados regularmente e repetidamente para que sejam encorajados a participar novamente nas reuniões de grupo seguintes.
- Ajustar e modificar as questões práticas relacionadas com a implementação dos grupos de apoio de acordo com as necessidades dos participantes. As reuniões devem ser organizadas em horários, frequências e locais que se adaptem às necessidades das famílias. Por exemplo,

a decisão de implementar esse grupo em linha pode não produzir resultados, uma vez que muitos membros da família não possuem elevadas competências digitais e de literacia mediática.

- O papel do facilitador é crucial. Durante as primeiras reuniões, os facilitadores têm de explicar como é que estes grupos funcionam e certificar-se de que todos os participantes partilham um entendimento comum sobre a forma como as reuniões do grupo de apoio irão evoluir. É fundamental alinhar as expectativas dos participantes em relação ao grupo com o trabalho efetivamente realizado no seio do grupo. Por conseguinte, o facilitador deve estar preparado para abordar muitas questões diferentes, algumas das quais não são diretamente relevantes para as metas e objetivos do grupo.



Polónia

O sistema penitenciário polaco é altamente personalizado. É gerido pela Direção Central dos Serviços Prisionais. No terreno, é gerido por 11 inspeções distritais. A tomada de decisões sobre questões organizacionais requer, no mínimo, o consentimento do Diretor da Inspeção Distrital, mas não é raro que os pedidos sejam reencaminhados para o Conselho Central. Esta centralização não só dificulta a organização de quaisquer iniciativas no interior de um estabelecimento prisional, como também faz do sistema penitenciário uma instituição total. Por conseguinte, qualquer manifestação de tratamento individualista dos reclusos é muito bem acolhida por estes e cria rapidamente um clima de confiança e de cooperação.

Preparação dos programas na prisão

A organização de um programa requer, portanto, a autorização do Diretor do estabelecimento prisional e da Inspeção Distrital. Se planear uma autorização num estabelecimento prisional, pode dirigir-se diretamente ao Diretor do estabelecimento prisional, que reencaminhará o pedido, ou decidir que deve dirigir-se diretamente à Inspeção Distrital. Se estiver a planear um programa em várias prisões, deve dirigir-se diretamente à Inspeção Distrital. Infelizmente, poderá ter de esperar muito tempo pela aprovação. Especialmente se for a primeira vez que a sua instituição organiza sessões numa prisão. Isto pode demorar até dois ou três meses.

Uma vez obtida a autorização, é necessário estabelecer um calendário de reuniões com o diretor do estabelecimento em causa. Normalmente, as sessões decorrem de manhã, entre as 9h00 e as 12h30. Muitas vezes, há um almoço às 13h00, pelo que os reclusos devem ser conduzidos às suas celas.

Terá de chegar às instalações com antecedência, de preferência com um mínimo de 30 minutos. Terá de passar por um controlo de segurança. Vale a pena lembrar que é necessário trazer o cartão de identificação (os dados pessoais dos treinadores e os números dos cartões de identificação serão necessários para aprovação). Não é permitido trazer para o recinto telefones, smartwatches ou quaisquer outros dispositivos electrónicos que possam constituir uma fonte de comunicação. Do mesmo modo, não é permitida a entrada de câmaras fotográficas sem autorização. É preferível deixar todos estes objetos em casa ou, em alternativa, podem ser deixados em depósito. Deve também estar

preparado para o facto de o seu bilhete de identidade lhe ser retirado à entrada e poder ser levantado à saída da prisão.

Pode trazer material de escritório para as instalações: papel, canetas, cola, mas é melhor não trazer tesouras. Normalmente, os artigos de papelaria são um bem "escasso". Se quiser começar bem com os reclusos, é aconselhável oferecer canetas e cadernos ou blocos de notas como presente. É também uma boa ideia oferecer aos reclusos pastas para documentos. Estas são coisas que estão sempre em falta na prisão!

Todas as coisas que trazemos connosco serão inspeccionadas e teremos de passar por um portão semelhante aos que encontramos em qualquer aeroporto.

Organização de workshops

Para que a oficina funcione corretamente, é necessário um grupo de 10 a 15 pessoas. Não devem estar presentes mais de 20 pessoas. Ao organizar o horário, deve dar ao serviço prisional uma orientação quanto ao perfil dos participantes, para que os educadores possam selecionar as pessoas certas. Ao planear um programa, tenha em conta que é pouco provável que seja possível manter o grupo tal como começou do princípio ao fim. Por isso, é melhor dividir o material em tópicos separados e não deixar nada 'para ser completado' para mais tarde. Os participantes podem ter vários motivos para estarem ausentes: audiências em tribunal, visitas familiares. Podem também deixar de comparecer voluntariamente ou ser transferidos para outra prisão. Por conseguinte, é uma boa ideia fazer resumos dos aspetos mais importantes de cada vez. É igualmente importante que tenha cópias impressas do material que vai completar. Na prisão, pode ser difícil ter acesso a um computador portátil ou a um retroprojektor. Além disso, o facto de exibir a apresentação irá criar distância em vez de a minimizar. Também é bom que os participantes possam analisar o material na sua cela ou partilhá-lo com outros reclusos. Por isso, prepare mais algumas cópias para o caso de alguém lhe pedir para as distribuir aos que não puderam participar no programa.

Realização das sessões

A prisão ideal é um local onde os delinquentes têm a oportunidade de receber sessões sobre a forma de se reintegrarem na sociedade. Infelizmente, na prática, é sobretudo um local de detenção. As prisões polacas são instituições onde, para além da falta de liberdade em si, a falta de contactos interpessoais seguros é mais sentida. Os reclusos abrem-se quando se começa a falar com eles como pessoas normais. Não se preocupe, o seu papel e os seus conhecimentos são suficientes para se tornar facilmente uma autoridade, mas o contacto será realmente estabelecido quando aumentar o nível da sua comunicação. Lembre-se que os prisioneiros já receberam o seu castigo, pelo qual se estão a arrepender. Para si, eles são, antes de mais, pessoas e deve tratá-los como tal, se quiser que eles o ouçam. Lembre-se também que, muitas vezes, os reclusos querem ser ouvidos. Sempre que possível, permita-lhes uma discussão, durante a qual pode acrescentar mais elementos à formação. Apresente-se e apresente a iniciativa no início do workshop. Pode dar liberdade aos participantes para se dirigirem uns aos outros. Nem todos vão querer mudar imediatamente para uma forma informal de se dirigirem a si. Tente estabelecer um contrato com os reclusos sobre a forma de proceder: sugira, mas não imponha. Pergunte-lhes se querem fazer pausas. Durante a iniciativa-piloto na Polónia, não foram necessárias pausas. É importante não se ater estritamente ao programa: tem materiais para distribuir. Estes são preparados de forma a poderem ser facilmente compreendidos e assimilados. Por outro lado, se houver necessidade de uma discussão mais longa, em detrimento do programa, mantenha-se fiel a ele. É muito necessário para os reclusos e tem um grande impacto na sua motivação para todo o programa. Se alguém não quiser participar, não o force, não o questione.

Incentive. Se houver necessidade de atividades adicionais, não incluídas no programa, organize-as. Na Polónia, durante a fase-piloto, os formadores tiveram de fazer um exercício para acalmar as emoções, a fim de poderem avançar. Do mesmo modo, podem ser necessários exercícios para aumentar a autoestima.

Conclusão do programa e avaliação

No final do programa, é uma boa ideia preparar prémios (podem ser mais canetas ou marcadores) e certificados. Peça aos participantes para partilharem as suas impressões. Deixe-os falar espontaneamente sobre as suas impressões antes de preencherem o questionário. Lembre-se de sublinhar em todas as oportunidades possíveis que nenhum dado, especialmente os dados pessoais, será transmitido ao grupo. Se precisar de fotografias do programa, peça a alguém do pessoal da prisão para as tirar. Eles sabem como o fazer. Agradeça aos reclusos - isto ajudará muito a aumentar a sua autoestima, que está muito diminuída na prisão.

Preparar a organização de grupos de apoio

A organização de grupos de apoio à família é um grande desafio. Em primeiro lugar, não existe uma tradição bem desenvolvida deste tipo de instituições na Polónia. Normalmente, os grupos de apoio são associados apenas a toxicod dependentes, o que efetivamente desencoraja a participação. Quando se prepara a organização de grupos de apoio, vale a pena, antes de mais, fornecer informações básicas breves, concisas, mas abrangentes sobre a quem se destina o grupo, qual é o seu objetivo e qual é o seu núcleo. As famílias dos detidos têm muitas vezes necessidades muito específicas: obter apoio social, jurídico e mesmo financeiro. Por conseguinte, vale a pena sublinhar desde o início que, na reunião, podem, no máximo, obter algumas informações sobre a quem se dirigir, mas não ajuda específica por parte dos facilitadores. Infelizmente, este facto terá um impacto no recrutamento, mas evitará a desilusão das pessoas que vêm à primeira reunião na esperança de encontrar ajuda jurídica específica ou informações sobre como obter dinheiro para sobreviver. O recrutamento exige o contacto com muitas instituições. Não pode ser bem feito com os seus próprios recursos. A prisão parece ser o primeiro sítio a cooperar, mas não é. Sim, ajudará a distribuir folhetos, mas, regra geral, não lida com famílias, mas com reclusos, pelo que, para além de distribuir informação, não ajudará. Por conseguinte, é aconselhável cooperar com os centros de assistência social e com todas as ONG que possam ter contacto com as famílias dos detidos. Na Polónia, é muito raro encontrar instituições que prestem assistência às famílias enquanto um dos seus membros está a cumprir uma pena. Em vez disso, a assistência é direcionada para o período pós-penitenciário.

Realização de grupos de apoio

O mais importante é apresentar a iniciativa no início, delinear os objetivos do grupo e sublinhar que não se trata de um serviço orientado, mas de autoajuda. As famílias dos reclusos sublimam frequentemente a desconfiança e o medo sob a forma de direitos. Por isso, é útil ouvir o que eles querem, mas imediatamente direcionar a sua atenção para procurar alguém no seu próprio círculo que saiba como os problemas devem ser resolvidos. O líder do grupo pode (e idealmente deve) dar gradualmente o papel de liderança a alguém de entre as famílias. É importante ouvir toda a gente e não julgar ou deixar-se julgar pelos outros.



Portugal

A preparação de programas na prisão

- Questões jurídicas:

Em primeiro lugar, em Portugal, deve apresentar a iniciativa aos Centro de Estudos de Investigação e Planeamento (CEIP) da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). Esta apresentação deve ser formalizada via e-mail (incluindo uma descrição da iniciativa e uma pequena apresentação multimédia). Depois de o CEIP-DGRSP ter apreciado a iniciativa, este é enviado ao diretor-geral da DGRSP para aprovação final. Após a aprovação, o CEIP-DGRSP decide quais os estabelecimentos prisionais e profissionais a envolver.

Quando o estabelecimento prisional for selecionado, deve contactar o respetivo diretor do estabelecimento prisional com informações sobre o programa, nomeadamente 1) o cronograma (um calendário que inclua todas as datas e horas propostas para as sessões do programa), 2) os conteúdos, 3) os profissionais que terão de entrar no estabelecimento prisional (incluindo nome completo, data de nascimento e número do bilhete de identidade) e 4) os materiais que serão necessários ao longo do programa (que podem incluir computador e projetor). Só os profissionais mencionados e aprovados podem entrar e só estes materiais podem entrar no estabelecimento prisional. A lista de materiais deve incluir TODOS os materiais que serão necessários ao longo de toda a formação, pelo que é importante prepará-la com tempo. Há certas coisas que não são permitidas entrar (por exemplo, pensando em alimentos, alimentos com chocolate e açúcar caramelizado não podem entrar, e os bolos já devem estar cortados). Os pacotes de alimentos devem estar fechados. Pode haver alterações quanto aos profissionais que podem entrar, datas/horários das sessões e materiais, mas deve comunicá-las previamente ao diretor da prisão (que as deve aprovar). A entrada no estabelecimento prisional pode, por vezes, ser um processo moroso, pelo que se recomenda aos formadores que cheguem 30 minutos mais cedo. Os formadores devem entrar juntos e não a horas diferentes, de modo a acelerar o processo.

Questões organizacionais

Um dos aspetos mais eficazes, se não o mais eficaz, do grupo é a relação que se cria entre os participantes. O grupo torna-se um espaço seguro onde os participantes podem partilhar abertamente os desafios que enfrentam. Para isso, é importante não ter um grupo demasiado grande, pois isso pode inibir os participantes. Cerca de 12 participantes seria uma boa quantidade, pois o grupo é suficientemente grande para ter em conta as desistências, mas também não é demasiado grande para não permitir uma discussão de grupo em que todos participem.

Para preparar o programa, é essencial realizar primeiro uma revisão da literatura sobre programas parentais na prisão, especialmente centrada na população-alvo específica (neste caso, mães presas). É também vital falar primeiro com os profissionais da prisão que trabalham com as mães que vão participar no programa, uma vez que estes fornecem informações importantes sobre as adaptações que devem ser feitas aos conteúdos e aos métodos de ensino. Para além disso, deve haver também uma lista de potenciais facilitadores que estejam informados sobre o programa e já aprovados pela prisão, para o caso de os facilitadores principais terem problemas inesperados. Finalmente, é

importante levar materiais e atividades extra para as sessões, caso um determinado tópico ou atividade não seja motivador para os participantes ou simplesmente não funcione como esperado. Antes das sessões, deve preparar todos os materiais necessários para o formador (apresentação em powerpoint, plano de sessão impresso com notas pessoais) e para os formandos (fichas de trabalho). No início da formação, todos os formandos receberam um caderno e uma caneta, mas é importante que traga mais folhas de papel e canetas, porque é frequente os participantes esquecerem-se do caderno e/ou da caneta. Para além disso, deve preparar todos os outros materiais necessários: no nosso caso, tivemos de levar

um projetor, o que também implicou levar os cabos necessários e uma extensão de ficha, uma vez que a sala onde realizámos a formação tinha muito poucas fichas. É importante obter o feedback dos profissionais da prisão sobre a sala antes de escolher os materiais necessários (por exemplo, se haverá uma parede ou ecrã onde projetar o conteúdo ou não).

Quanto à seleção dos participantes, esta é feita pela prisão. Mas deve fornecer alguns critérios. No nosso segundo piloto, tivemos participantes com situações de vida muito diferentes (alguns com filhos pequenos e outros com filhos e/ou filhas adultos; alguns com parceiros e outros sem; alguns com contacto com os filhos e outros sem, e com diferentes graus de contacto; etc.). Embora isto reflita a realidade, esta dispersão fez com que a maior parte dos conteúdos nunca fosse relevante para todos os participantes e teve um impacto negativo no programa: como tal, deve estabelecer certos limites (por exemplo, apenas participantes com filhos pequenos, a quem este programa é, na nossa opinião, mais dirigido) ou adaptar previamente os conteúdos.

Realização de programas

Em Portugal, realizámos dois pilotos. No primeiro, as sessões tinham a duração de 60 minutos, mas todas as manhãs fazíamos duas sessões com um intervalo entre elas. Fomos duas manhãs por semana à prisão, o que significou 4 sessões por semana. Isto era demasiado condensado e não permitia tempo suficiente dentro das sessões para discutir o conteúdo em profundidade e também significava que não havia tempo suficiente entre as sessões para os participantes interiorizarem o que aprenderam. Por este motivo, no segunda iniciativa-piloto, as sessões tinham 90 minutos e foram realizadas duas vezes por semana (uma sessão cada terça-feira e sexta-feira). Como tal, recomendamos sessões de 90 minutos, uma vez que dá mais tempo para realizar as atividades e aprofundar os conteúdos. É importante tentar fazer intervalos, mas muitas vezes havia atrasos na entrada na prisão, pelo que a sessão começava tarde e o intervalo interrompia as atividades e o fluxo da sessão. Quando fazíamos pausas, estas duravam sempre mais tempo do que o previsto e acabavam por significar que tínhamos de cortar as atividades. Na maioria dos casos, havia certas atividades em que os participantes terminavam em momentos diferentes e, enquanto esperavam que os outros terminassem, tinham um momento para parar. Em suma, seria positivo ter intervalos nas sessões, mas isso não é tão fácil como planeado, uma vez que muitas vezes as sessões começavam mais tarde do que o previsto.

O tipo de atividade dependerá dos participantes e da dinâmica do grupo. A nossa experiência nestes dois pilotos com mães indica a importância de promover um ambiente de grupo positivo, onde as mães possam discutir e partilhar livremente as suas experiências e preocupações. Para isso, é importante ter mais atividades em que os participantes trabalhem em pequenos grupos ou como um grupo inteiro, para promover estes momentos e criar confiança. As atividades em que trabalham em pequenos grupos são especialmente importantes para as participantes mais reservadas, uma vez que lhes proporcionam um momento de aprendizagem ativa que também não implica uma exposição

excessiva. No entanto, também deve haver momentos de reflexão individual, embora para estes deva ter uma ficha de trabalho ou um guia com questões de autorreflexão: na maioria dos casos, os participantes precisam que as atividades sejam bastante estruturadas e orientadas e não lidam muito bem com atividades não estruturadas. Para estas atividades individuais, deve prestar especial atenção se houver participantes que não saibam ler ou escrever e encontrar atividades alternativas para eles ou apoiá-los durante a atividade.

Por último, é importante utilizar uma linguagem clara e simples, não tentar abordar muitos conteúdos diferentes numa sessão (concentrando-se talvez num ou dois aspetos centrais que pretende que os participantes retenham após a sessão), fazer um grande esforço para criar um ambiente de grupo positivo e acolhedor desde o início e ser flexível e adaptar as atividades e os conteúdos durante as sessões e ao longo do programa. Recomendamos que tenha dois facilitadores.

O final

Deve informar os participantes desde o início sobre a data de fim e a duração do programa e lembrá-los ao longo do mesmo, para que não sejam apanhados de surpresa. Para a última sessão em ambos os pilotos, trouxemos comida e sumos e fizemos uma pequena "festa", onde fizemos uma revisão do conteúdo e os participantes avaliaram o programa utilizando os formulários e, mais importante, depois numa discussão. Foi um momento positivo para terminar o programa e serviu também para lhes agradecer a sua participação. Adicionalmente, deve ser-lhes entregue um certificado de participação ou de formação, também para reconhecer o seu esforço e tempo.

A avaliação

Para ambos os pilotos, utilizámos os formulários de avaliação The Golden Thread, adaptados de outros questionários. Este formulário tem a particularidade de se destinar principalmente a mães com filhos mais novos, o que significa que as perguntas não se aplicam a todos os participantes, dependendo dos critérios de seleção utilizados.

Em ambos os pilotos, realizámos uma sessão introdutória e uma sessão de encerramento. A sessão introdutória centrou-se na apresentação dos objetivos e do funcionamento do programa, no conhecimento dos participantes e no preenchimento dos formulários do pré-teste. Deve haver vários facilitadores a circular pela sala, ajudando e motivando os participantes, uma vez que, no início, esta é uma tarefa que os participantes consideram bastante aborrecida e há alguns que têm dificuldades em ler e/ou interpretar as perguntas. Na sessão de encerramento, os participantes estão mais motivados para o preenchimento, uma vez que compreendem a importância do mesmo. Na sessão de encerramento, também realizámos uma discussão aberta de pelo menos 30 minutos sobre a perspetiva dos participantes relativamente ao programa (formadores, conteúdo, duração das sessões e do programa, métodos de ensino).

Como tal, deve preparar formulários de avaliação simples e direcionados e também realizar uma avaliação qualitativa ao longo do programa.

Os grupos de apoio à família

A preparação

As famílias afetadas pela detenção demoram algum tempo a estabelecer relações de confiança. Se a sua organização já trabalha com as famílias, então essa seria a forma mais eficaz de recrutamento. No entanto, se a sua organização não trabalha diretamente com as famílias numa base de apoio contínuo, como é o caso da Aproximar, então é muito difícil recrutar famílias. A melhor estratégia é fazer parcerias com organizações mais experientes que trabalham com famílias, mas mesmo assim tivemos

grandes dificuldades em recrutar familiares. Para envolver as prisões neste processo de recrutamento, precisaríamos da aprovação dos serviços centrais, o que demora algum tempo, além de a prisão não ser um espaço apelativo para as famílias se encontrarem (e a entrada seria limitada aos familiares que os reclusos têm na sua lista de contactos).

Depois de uma reunião sem sucesso, em que apenas 1 participante compareceu (por preferência dos participantes, foi realizada online), mudámos a nossa estratégia. Envolvemos um espaço comunitário (B°Lab) que a Aproximar e a Câmara Municipal de Cascais têm num bairro social que trabalha com jovens e que está a tentar fortalecer as relações com os seus pais/encarregados de educação. Apesar de muitas destas famílias terem membros na prisão, um grupo de apoio centrado nesta temática não as atraía, em parte por ser ainda um tema tabu entre elas. Assim, iniciámos um grupo de apoio centrado na parentalidade e no apoio aos pais/encarregados de educação dos jovens que participam nas atividades do centro no processo de parentalidade, que correu bem, tendo sido descrito pelas participantes como um espaço seguro onde puderam partilhar e aprender, tendo um impacto positivo nas suas práticas parentais e relação com os seus filhos. Isto é importante para estabelecer uma relação de confiança e um espaço seguro onde os participantes possam, ao fim de algum tempo, sentir-se suficientemente confortáveis para falar sobre a reclusão dos seus familiares (no caso dos participantes que têm familiares na prisão, uma vez que este não é um critério para poderem participar no grupo).

Condução

Da nossa experiência, é importante gerir constantemente o tempo e ter cuidado para não deixar que um ou dois participantes dominem a discussão. Terá de adaptar o seu estilo de facilitação ao grupo, mas, até agora, conseguimos fazê-lo direcionando a discussão para tópicos mais gerais e fazendo uma pergunta aos outros membros do grupo, quando um participante começa a falar demasiado e a concentrar-se apenas em si próprio. Além disso, no final de cada sessão, fazemos um resumo e definimos o tema da reunião seguinte.

Fim

Tencionamos continuar o grupo de apoio depois de outubro e tentar estabelecer o grupo para que seja possível continuar, a longo prazo, sem a nossa facilitação. Ademais, pretende-se replicar esta metodologia no mesmo espaço (B°Lab) com outras famílias em 2025.

The
Golden
thread 



Co-funded by
the European Union

Número do acordo: 2021-1-PL01-KA220-ADU-000033783

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui uma aprovação do seu conteúdo, que reflecte apenas as opiniões dos autores, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer utilização que possa ser feita da informação nela contida.